# “Eu vi uma árvore” e o princípio de uma metafísica esquálida[i] - 19/12/2023

\_Tenta argumentar que muitas árvores existentes não existem\_[ii]  
  
\*\*Árvores para elas mesmas\*\*. Há uma distância limítrofe a partir da qual  
deixamos de ver uma árvore que porventura estamos vendo agora. Quando nossa  
visão não a capta mais, ela deixa de existir para nós, embora possa haver  
outros campos de visão para os quais a árvore se apresenta (ou existe). Agora  
imaginemos uma árvore que \_nunca foi vista por ninguém\_. Podemos dizer que  
esta árvore \_nunca existiu para ninguém\_ , mas poderíamos dizer que essa  
árvore nunca existiu? Ou que ela não existe? E uma árvore jamais vista e que  
já morreu, ela existiu? De ambas não temos notícias, elas nunca foram  
referidas por ninguém. Então, elas somente existem ou existiram para elas  
mesmas.  
  
\*\*Árvores para nós\*\*. Ocorre que elas-existirem-para-elas-mesmas somente é  
possível se algum de nós está aqui. Isso porque “ver”, embora de muito seres,  
\_é humano\_. Ter olhos, embora de muito seres, também \_é humano\_. Isto é, os  
nomes, os conceitos e essa linguagem que usamos para descrever o mundo e as  
coisas são humanos, já que outros animais veem, mas não sabem que veem ou não  
sabem o que é ver. Mas, se supusermos \_o\_ mundo sem a espécie humana ou algum  
outro tipo de espécie capaz de conceituar o mundo e as coisas seja lá de que  
forma, não poderíamos dizer que o mundo existiria, e suas árvores, já que  
“existir” e “mundo” são expressões humanas.  
  
\*\*Falsos problemas\*\*. Isso posto há dois problemas que são falsos problemas:  
uma árvore que, jamais vista, morre e uma árvore que vive sem a existência da  
espécie humana. No primeiro caso, não podemos dizer que ela morreu porque  
jamais foi vista, não se sabe de sua existência. \_Não poderíamos falar dela\_.  
Já no segundo caso, poderia até haver uma árvore nesse mundo, mas não sabemos  
se haveria coisas como “árvore”, “mundo” e “existir”. \_Não haveria alguém para  
falar dela\_.  
  
\*\*Árvores existentes\*\*. Por outro lado, quando vemos uma árvore, podemos notar  
claramente que ela tem uma consistência, ela é material. Isso quer dizer que  
não duvidamos que haja mundo, mas há um mundo que categorizamos no limite de  
nosso entendimento e linguagem. Inclusive, se fosse possível catalogar as  
moléculas de oxigênio por sua origem, poderíamos saber da existência de  
determinada árvore, que expeliu aquele gás oxigênio por seu processo  
fotossintético, sem nunca a ter visto, embora a partir de uma evidência  
passível de ser checada por nós e, sendo assim, ainda seria uma árvore para um  
humano. Ou mesmo pelo mapeamento dos resíduos de sua decomposição.  
  
\*\*Conclusão\*\*. Do que foi dito, concluímos por uma simbiose temporal, isto é,  
enquanto houver uma árvore que é vista por alguém, se pode falar. A partir do  
momento em que, ou não haja alguém ou nenhuma árvore, nada poderá ser dito.  
Qualquer conceituação que escape a essa temporalidade é quimérica. Essa  
simbiose é tão forte que necessariamente só se fala do concreto e enquanto ele  
durar e por meio de conceitos que não passem disso, sejam eles abstratos,  
porque vazios de conteúdo, transcendentes, isto é, que se permitam ir além da  
simbiose ou imanentes, possivelmente propalando um tempo eterno.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] O uso das aspas indica que não estamos falando do fato em si, mas da  
expressão linguística. Ver “Conceitos” em  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/11/introducao-ao-  
significado.html>.  
  
[ii] Eu já tentei fazer filosofia por minhas próprias mãos, filosofia raiz, de  
boteco, aqui e eventualmente em alguma avaliação escolar, mas sempre fui  
malsucedido.